

# Artigos

---

*MÉTIS: história & cultura*



---

## *Cidade e economia: reflexões em torno de uma relação complexa*

*José D'Assunção Barros\**

---

**Resumo:** Este artigo busca desenvolver uma reflexão introdutória e panorâmica acerca das perspectivas que têm considerado as relações entre cidade e economia, mediadas pela História. O objetivo é traçar um quadro introdutório para as grandes questões que envolvem a perspectiva econômica dos estudos urbanos relativamente à possibilidade de benefícios que essa possa trazer análises historiográficas.

**Abstract:** This article attempts to develop an introductory and panoramic reflection about the various perspectives that have been considered the relations between City and Economy, mediated by the History. The intent is do establish a introductory picture for the major questions witch involve the economic dimension of the urban studies relative to the possibilities of contributions directed to the historiographical analysis.

**Palavras-chave:** Cidade. Economia. Produção.

**Key words:** City. Economy. Production.

---

O século XX foi, de certa maneira, o “século da urbanização”. Globalmente falando, é a partir daí que se pode dizer que a maior parte da população mundial passou a viver essencialmente em centros urbanos de diversos tipos. Essa ruptura com séculos e séculos de uma história humana em que a maioria da população do planeta dedicava-se

---

\* Doutor em História Social pela Universidade Federal Fluminense (UFF); Professor na Universidade Severino Sombra (USS) de Vassouras, nos cursos de Mestrado e Graduação em História, lecionando disciplinas ligada ao campo da Teoria e Metodologia da História. Desenvolve pesquisas no campo da História Urbana. *E-mail:* jose.assun@globo.com

fundamentalmente a atividades agrícolas e pastoris em que a cidade devia ser vista muito mais como uma exceção do que como o ambiente mais familiar para os homens, contribuiu naturalmente para que esse mesmo século XX assistisse a uma grande eclosão de interesses nos vários campos do saber ao estudar esse grande enigma e essa vasta trama de complexidade que é a cidade.

Não apenas várias das ciências sociais e humanas passam a se empenhar no século XX a examinar sistemática e atentamente o fenômeno urbano, como também a cidade passa a ser examinada de uma perspectiva mais complexa, multifatorial, integradora de diversos pontos de vista e de variados aportes metodológicos. A cidade, aqui, passa a ser compreendida não apenas como fenômeno institucional, mas como fenômeno político, econômico, demográfico, cultural, ou mesmo ligado a aspectos imaginários e psicológicos. Concomitantemente, os métodos empregados pelos cientistas sociais e humanos para compreender o urbano multidiversificam-se de acordo com os vários campos do saber, quando não se produzem precisamente no âmbito interdisciplinar, no encontro de abordagens oriundas de variadas origens disciplinares.

Diante desse quadro mais amplo de inúmeras possibilidades, é forçoso admitir que, dentre as novas ênfases assumidas no século XX para o estudo do fenômeno urbano, a dimensão econômica da cidade constituiu certamente uma das primeiras linhas de destaque. Examinar a dimensão econômica do fenômeno urbano era compreender já a cidade na sua própria base de constituição, e, será oportuno ressaltar, foi precisamente a valorização da dimensão econômica da cidade que forneceu os primeiros elementos para a superação da avaliação da cidade sob uma perspectiva estritamente institucional, tal como vinha sendo empreendida pelos estudiosos do século XIX. Se autores como Max Weber (1905) ainda tomam como sujeito histórico fundamental as instituições municipais (e, para o caso das formações urbanas medievais e modernas, a burguesia), por outro lado, eles já consideram o fator econômico como principal elemento propulsor do desenvolvimento urbano.<sup>1</sup> Na mesma linha de valorização do fator econômico, para dar um exemplo mais específico do campo historiográfico, Henry Pirenne (1925) também lançou à sua época uma nova luz sobre a cidade medieval, elaborando uma série de teses que, destarte, seriam amplamente criticadas nas décadas subsequentes.

A percepção da dimensão econômica do fenômeno urbano abre-se, naturalmente, para duas possibilidades iniciais de aproximação,

conforme a examinemos de uma perspectiva mais abrangente ou mais especificada, ou conforme conduzamos a análise para um ponto de vista mais ligado ao “macro” ou mais ligado ao “micro”. Para situarmos algumas possibilidades de aproximação que não apenas examinam a economia urbana no seu sentido mais abrangente como também procuram inserir essa mesma economia em um sistema mais abrangente, será possível lembrar inicialmente diversos economistas e historiadores do campo econômico que, de um lado, se esforçaram por inserir a cidade em uma teoria econômica mais ampla (DERYCKE, 1958), e que de outro, buscaram elaborar uma história da cidade como “formação econômica”. (LAMPARD, 1965). As contribuições são diversas, revelando os interesses e as preocupações de uma época em que a indústria já se tornara o setor dominante. Ao mesmo tempo, quando se aborda a dimensão econômica da cidade, surgem *nuances* diferenciadas no tratamento do fator econômico, conforme se privilegie uma ou outra de suas perspectivas possíveis. O econômico implica “produção, distribuição e consumo”. Ou, dito de outra forma, em atividades industriais, atividades comerciais e relações de consumo.

Dessa forma, existem autores que fazem incidir sua análise no *fator comercial*, destacando que o mercado caracteriza a cidade (Max Weber). Mas há outros que enfatizam o papel da cidade na *produção*, artesanal ou industrial, conforme o período considerado (Alfred Weber, Isard, Haig para o período moderno e Verlinden para o artesanato da cidade medieval).

Não deve ser esquecida, por fim, a ênfase no *consumo* como fator central na especificidade cidadina. Sombart, por exemplo, define a cidade como fundamentalmente um “grupo de consumidores”, o que permite relativizar a ênfase mais habitual no mercado e na função de troca como definidores primários da cidade. “É cidade, do ponto de vista econômico, qualquer aglomeração de homens que dependem, para a sua subsistência, de produtos da agricultura exterior”. (SOMBART, 1902, p. 27). A definição, assim colocada, não exclui formações urbanas anteriores à Revolução Industrial. Um exemplo de ênfase no consumo no desenvolvimento das cidades medievais é fornecido por David Nicholas (1999), que estudou as cidades flamengas.<sup>2</sup>

As combinações de perspectivas também têm sido assimiladas como caminhos importantes para os estudos urbanos, e um bom exemplo pode ser trazido pela maior parte dos estudos da cidade produzidos no seio do campo teórico marxista, considerando que esse situa sua análise

do fenômeno urbano no entrecruzamento do fator econômico e do fator político. A cidade insere-se antes de mais nada em um sistema econômico-social – ou, mais propriamente – em um “modo de produção” específico. Ao mesmo tempo, o ambiente urbano é um palco privilegiado para as lutas político-sociais. Nos seus vários casos, a cidade deve ser sempre situada historicamente.

Para as cidades anteriores ao capitalismo, a referência primordial relacionada ao materialismo histórico é naturalmente o texto *Formações pré-capitalistas*, onde Karl Marx (1975) buscou estabelecer um paralelo entre as cidades asiática, antiga, medieval e moderna<sup>3</sup>. Os parâmetros que orientam esse quadro comparativo associam-se às mutações diacrônicas que teriam ocorrido nas relações entre “cidade” e “campo” ao longo das várias etapas do desenvolvimento histórico (ou da sucessão dos “modos de produção” a partir de um processo dialético).

Assim, para o modelo asiático, Marx assinala uma unidade não-diferenciada entre campo e cidade. Na Antiguidade clássica, surgem as cidades baseadas na propriedade senhorial e na agricultura. Na Idade Média, as “formações urbanas” desenvolvem-se até uma nítida oposição entre cidade e campo. Na Idade Moderna, por fim, verifica-se uma “urbanização do campo”. Para cada um desses casos, a formação urbana assume um papel definido dentro do modo de produção.

Na passagem do “modo de produção feudal” para o “modo de produção capitalista”, a cidade torna-se o lugar privilegiado para o desenvolvimento das “forças produtivas”, tanto por seu papel no desenvolvimento das manufaturas como pelo seu papel no desenvolvimento do capitalismo comercial. Dessa forma, mais do que nas etapas históricas anteriores, a cidade dos últimos tempos medievais assume um papel destacado no processo de transformação social, pois é um fator de primeira ordem no desenvolvimento das contradições já existentes no feudalismo.

Conforme se vê, desde as suas primeiras obras o “materialismo histórico” pressupõe que a análise das formações urbanas não deve vir isolada do sistema socioeconômico no qual se inserem. Essa é a razão pela qual, ao analisar, por exemplo, a cidade medieval, os historiadores marxistas que se seguiram a Marx e Engels sempre se interessaram em discutir a sua posição com relação ao feudalismo propriamente dito.

Por outro lado, se Marx e Engels não dedicaram obras específicas ao estudo do fenômeno urbano, historiadores e sociólogos marxistas do século XX puderam abordá-lo tanto do ponto de vista global como no

que se refere a questões específicas. Entre os materialistas históricos que têm, na segunda metade do século, se dedicado a análises específicas do fenômeno urbano, destacam-se Castells (1985), Topalov (1974) e Lipietz (1974). Já a cidade medieval e o papel da formação urbana na passagem do “modo de produção feudal” para o “modo de produção capitalista” têm contado com análises diversas que tratam a cidade medieval na sua especificidade (José Luís Romero, Ludolf Kuchenbuch, Perry Anderson, Yves Barel e outros).

Por fim, não faltou ao campo da sociologia e da historiografia marxista a busca de uma “função urbana” mais ampla, para além dos desdobramentos exclusivamente econômicos ou políticos. Isso mostra que, também no seio de uma moderna historiografia marxista e na sociologia urbana ancorada nos princípios do materialismo histórico, verificou-se uma tendência crescente a considerar o fenômeno urbano a partir de uma perspectiva multifatorial. Será oportuno encerrar nossas considerações resgatando aqui a definição de cidade proposta por Henri Lefèbvre (1969, p. 96-97): “Trata-se acima de tudo de uma forma, a do encontro e da reunião de todos os elementos da vida social, desde os frutos da terra (*grosso modo*, os produtos agrícolas) até aos símbolos e às obras ditas culturais”.<sup>4</sup>

A cidade, enfim, e aqui retornamos ao início de nossas considerações, é produto da própria complexidade humana e da diversidade presente na vida social. Examiná-la a partir de uma certa expectativa – como a dimensão econômica, política, ou cultural – é naturalmente apenas uma estratégia de aproximação em relação a uma forma específica de organização social na qual todas as dimensões da vida humana se interpenetram e se interferem reciprocamente com a mesma importância.<sup>5</sup>

## Notas

---

<sup>1</sup> Sobre as obras de Max Weber que examinam mais diretamente o fenômeno urbano, veja-se o capítulo relativo a cidades incluído em *Economia e sociedade* (1925) e também a obra *The City* (1905).

<sup>2</sup> O próprio Max Weber – ao destacar a importância do aspecto econômico e da “localidade de mercado” como primordiais para a definição de cidade – chama a atenção para a necessidade de se considerar dentro desse âmbito três situações mais frequentes: a das “cidades mercantis”, a das “cidades de consumidores”, e a das “cidades de produtores” (ou cidades industriais), conforme predomine um ou outro comportamento econômico, ressaltando que em todos esses casos ocorre, em regra, a mediação através do mercado (“A dominação não-legítima (tipologia das cidades)” In: *Economia e sociedade*, p. 410). Isso não o impede, naturalmente, de ressaltar exceções como as “cidades-fortaleza”, e também o fato de que na Antiguidade

podiam ser encontradas cidades que eram preponderantemente “cidades de agricultores”.

<sup>3</sup> Da mesma forma que em, *Formações econômicas pré-capitalistas*, Karl Marx também desenvolveu reflexões sobre o papel da cidade nos vários modos de produção na “Segunda Parte” de *A ideologia alemã*, onde é examinado o desenvolvimento do fenômeno urbano sob a ótica dos aspectos políticos e econômicos. (MARX; ENGELS, 2000, p. 77-96).

<sup>4</sup> Lefèbvre, *O direito à cidade*, São Paulo: Documentos, 1969. Lefèbvre é também o autor de um importante paralelo entre as formações rurais e as formações urbanas (*Du rural au l'urbain*, 1977).

<sup>5</sup> Aprofundamentos maiores em torno das questões aqui tratadas, e em torno de outros aspectos acerca do fenômeno urbano, são apresentadas pelo autor deste artigo no livro *Cidade e história* (2007).

## Referências

---

- BARROS, José D'Assunção. *Cidade e história*. Petrópolis: Vozes, 2007.
- CASTELLS, Manuel. *La question Urbaine*. Paris: Maspéro, 1985.
- DERYCKE, P. H. *Histoire des théories économiques spatiales*. Paris: Economica, 1958.
- LAMPARD, E. Historical aspects of urbanization. In: HAUSER, Philip; SCHNORE, Leo (Org.). *The study of urbanization*. New York: John Wiley & Sons, 1965.
- LEFÈBVRE, Henri. *O direito à cidade*. São Paulo: Documentos, 1969.
- LEFÈBVRE, Henri. *Du rural au l'urbain*. Paris: Anthropus, 1977.
- LIPIETZ, Alain. *Le tribut foncier urbain*. Paris: Maspéro, 1974.
- MARX, Karl. *Formações econômicas pré-capitalistas*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1975.
- MARX, K.; ENGELS, F. *A ideologia alemã*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- PIRENNE, Henri. *As cidades na idade média*. Lisboa: Europa-América, 1962. [Original: *Les villes au moyen Age*. Bruxelas: 1925].
- NICHOLAS, David. *A evolução do mundo medieval*. Lisboa: Europa-América, 1999.
- SOMBART, Werner. Ursprung und Weses der Modernen Stadt. In: SOMBART, Werner. *Der Moderne Kapitalismus*. Leipzig: Duncker und Humblot, 1902.
- TOPALOV, Ch. *Les promoteurs immobiliers: contribution à l'analyse de la production capitaliste du logement en France*. Paris: La Haye; Mouton, 1974.
- WEBER, Max. *Economia e sociedade*. Brasília: UnB, 1999. [Original: 1925].
- WEBER, Max. *The City*. New York: Free Press, 1958. [Original: 1905].

Artigo recebido em setembro de 2007. Aprovado em outubro de 2007.